

DA HIBÉRNIA À VIDIGUEIRA: A GENEALOGIA IRLANDESA DE FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS

PEDRO ÁLVAREZ-CIFUENTES
UNIVERSIDAD DE OVIEDO

alvarezcpedro@uniovi.es

RESUMO: A partir das informações biográficas apresentadas pela *Vida, e Morte do Varão Apostolico Fr. Antonio das Chagas* de fr. Rafael de Jesus (1683) e pela *Vida, virtudes e morte de Fr. Antonio das Chagas* de Manuel Godinho (1687), estuda-se a ascendência irlandesa do escritor seiscentista português fr. António das Chagas (1631-1682), através da sua mãe, D. Helena de Zúñiga, e do seu avô materno, o capitão D. Terêncio de Zúñiga, os quais se refugiaram na península Ibérica no contexto da perseguição da aristocracia católica da Irlanda.

PALAVRAS-CHAVE: Frei António das Chagas; Literatura Barroca; Biografia; Genealogia; Irlanda.

ABSTRACT: This paper explores the Irish ancestry of the seventeenth-century Portuguese writer fr. António das Chagas (1631-1682) in light of the biographical information provided by fr. Rafael de Jesus's *Vida, e Morte do Varão Apostolico Fr. António das Chagas* (1683) and Manuel Godinho's *Vida, virtudes e morte de Fr. Antonio das Chagas* (1687) about his mother, D. Helena de Zúñiga, and his maternal grandfather, captain D. Terêncio de Zúñiga, who took refuge in the Iberian peninsula in the context of the persecution of the Catholic aristocracy of Ireland.

KEYWORDS: Frei António das Chagas; Baroque Literature; Biography; Genealogy; Ireland.

*Que foi dos Césares e Alexandres que não cabiam em um só mundo?
Que foi dos Cresos e dos Midas, a quem deu ouro toda a terra? Que das
Helenas e das Cavas por quem ardeu Tróia e Espanha? Acaso há mais que
uma memória de que estas duas acabaram, de que aqueles se consumiram e
de que todos se perderam?*¹

¹ CHAGAS, fr. António das – *Carta a D. Francisco de Sousa*. Apud PONTES, Maria de Lourdes Belchior – *Frei António das Chagas: um homem e um estilo do século XVII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953, p. 465. Agradeço a Joel Alves a revisão do texto em português.

1. O texto fundamental sobre a vida e a obra do padre franciscano fr. António das Chagas — no século, António da Fonseca Soares (1631-1682) — continua a ser a monografia publicada em 1953 por Maria de Lourdes Belchior Pontes². Se a produção literária e as peripécias pessoais de fr. António das Chagas no decorrer da Guerra da Restauração vieram a atrair a atenção da academia em tempos mais recentes³, as origens familiares do fundador do seminário apostólico do Varatojo têm sido estudadas duma maneira superficial⁴, repetindo apenas as informações coligidas por Teófilo Braga no terceiro volume da sua *Historia da Litteratura Portuguesa*:

*O nascimento de Antonio da Fonseca Soares liga-se á convulsão das luctas religiosas em Inglaterra sob Carlos I; o rei procurava fortalecer-se com todos os privilegios do absolutismo, apoiando-se para isso no restabelecimento da egreja anglicana, no papismo; o parlamento e as communes, reivindicando as liberdades civis, sustentavam a egreja presbyteriana. Fôra em 1628 e 1629 que romperam estas luctas, em que o rei se atreveu á perseguição dos protestantes*⁵.

O panorama histórico apresentado por Braga parece pouco preciso. A perseguição religiosa já tinha começado quase um século antes na Inglaterra dos Tudor, embora seja verdade que a Reforma anglicana foi colocada no primeiro plano do debate político durante o reinado de Carlos I Stuart (1625-1649). No entanto, verificar-se-á que a história familiar de fr. António das Chagas

² PONTES, Maria de Lourdes Belchior – *Frei António das Chagas*. Ob. cit. Anteriormente, Belchior Pontes tinha publicado uma copiosa *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Frei António das Chagas)*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1950. Veja-se ainda PONTES, Maria de Lourdes Belchior – *Os homens e os livros: séculos XVI e XVII*. Lisboa: Verbo, 1971.

³ MORUJÃO, Isabel – *Apresentação*. In CHAGAS, fr. António das – *Cartas Espirituais*. Porto: Campo das Letras, 2000, p. 9; MORAES, Carlos Eduardo Mendes de – *Fonseca, Chagas ou Ribeiro da Costa?*. «Philologus», 39 (2007), p. 1-16; GRANJEIRO, Heloíza Brambatti – *Fonseca e Chagas: uma vida*. In *II Colóquio da Pós-Graduação em Letras*. Assis: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2010, vol. II, p. 533-539; LOPES, André da Costa – *António da Fonseca Soares: homem de letras e armas*. In MARÇALO, Maria João et alii (eds.) – *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010, p. 35-49; D'ARCADIA, Luís Fernando Campos; MORAES, Carlos Eduardo de – *A poesia vulgar de António da Fonseca Soares: uma proposta de um reexame de um conceito*. In *Anais Eletrônicos Do Congresso Internacional ABRALIC 2018*. Uberlândia: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2018, p. 1556-1567; NOGUEIRA, Andréa Scavassa Vecchia – *O conselheiro/orientador espiritual Frei António das Chagas nas Cartas Espirituais*. Assis: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2019. Tese de doutoramento.

⁴ Apenas Lopes, seguindo as informações de Belchior Pontes, assinala na sua tese de mestrado que a mãe de fr. António, «Helena Zuniga [sic] era descendente de reis da Irlanda». LOPES, André da Costa – *Da agudeza às metáforas: romances de António da Fonseca Soares*. Assis: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2012, p. 13.

⁵ BRAGA, Teófilo – *Historia da Litteratura Portuguesa III: Os Seiscentistas*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1916, p. 445-446. Ver também BRAGA, Teófilo – *Poesia mystica de Frei Antonio das Chagas*. «O Instituto», XIII (1866), p. 139-142.

não está tão relacionada com o conflito do monarca inglês e do arcebispo de Cantuária William Laud com o partido calvinista do Parlamento, a partir de 1629, quanto com a repressão da católica Irlanda e o episódio conhecido como *Flight of the Earls* ou «Fuga dos Condes», isto é, o exílio voluntário de Hugh O'Neill, 2.º conde de Tyrone, Rory O'Donnell, 1.º conde de Tyrconnell, e os seus seguidores, os quais abandonaram a Ilha Esmeralda a 14 de setembro de 1607⁶.

Com a sua pena ágil, Braga evoca as origens familiares do escritor, que chega a considerar «o melhor representante do lyrisimo gongorico em Portugal»⁷:

Vivia na Irlanda catholica o castelhano D. Terencio de Zuniga, e antevendo os morticínios que tinham fatalmente de dar-se, resolveu afastar sua filha Helena Elvira de Zuniga para um paiz catholico, ficando elle mais livre para sacrificar-se á causa do papismo, que então prégava o fanatico Land. Achando-se restabelecida a paz entre a Inglaterra e a Hespanha, Zuniga achou meio de vir para Portugal sua filha, sendo confiada, por influencias catholicas, á Condessa da Vidigueira, D. Leonor Coutinho, que promptamente lhe arranhou marido. Casou pois Helena Elvira de Zuniga com o bacharel Antonio Soares de Figueirôa, que vivia na Villa da Vidigueira, onde se conservou até ao nascimento do seu segundo genito [o futuro fr. António], em 25 de Junho de 1631, das «tres para as quatro horas da madrugada», como passados anos referia em uma carta Antonio da Fonseca Soares⁸.

Como vemos, apesar do pai de fr. António das Chagas ser português, a mãe foi uma misteriosa D. Helena Elvira de Zúñiga, donzela de origem hiberno-espanhola recolhida em Portugal em casa da mulher do 4.º conde da Vidigueira, a condessa D. Leonor Coutinho de Távora⁹. O zelo católico dos seus antepassados

⁶ Sobre a questão irlandesa na monarquia hispânica e a chamada «Misión de Irlanda», veja-se GARCÍA HERNÁN, Enrique – *Irlanda y el Rey Prudente*. Madrid: Laberinto, 2000; GARCÍA HERNÁN, Enrique et alii (eds.) – *Irlanda y la monarquía hispánica: Kinsale 1601-2001. Guerra, política, exilio y religión*. Alcalá: Universidad de Alcalá, 2002; BRAVO LOZANO, Cristina – *La Misión de Irlanda en la estrategia política de Felipe III*. In PÉREZ ÁLVAREZ, María José; MARTÍN GARCÍA, Alfredo; RUBIO PÉREZ, Laureano (eds.) – *Campo y campesinos en la España Moderna: culturas políticas en el mundo hispano*. Madrid: Fundación Española de Historia Moderna, 2012, vol II, p. 1557-1566. Acerca da perseguição dos católicos em Inglaterra, ver FRASER, Antonia – *The Gunpowder Plot: Terror and Faith in 1605*. London: Weidenfeld & Nicolson, 1996. Sobre a estada da católica Luísa de Carvajal em Inglaterra, veja-se CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Doña Luisa de Carvajal y la Inglaterra de la Reforma a través de su epistolario*. «Via Spiritus», 21 (2014), p. 5-28.

⁷ BRAGA, Teófilo – *Historia da Litteratura Portuguesa III*. Ob. cit, p. 444. Veja-se, a propósito, ARES MONTEZ, José – *Góngora y la poesia portuguesa del siglo XVII*. Madrid: Gredos, 1956.

⁸ BRAGA, Teófilo – *Historia da Litteratura Portuguesa III*. Ob. cit, p. 446.

⁹ Acerca de D. Leonor Coutinho de Távora, autora do romance de cavalaria *Crónica do Imperador Belindro*,

irlandeses marcaria o destino e a obra literária de quem deixou de ser o «capitão Bonina» para converter-se no «fradinho», como aponta Braga com certo ressaibo reprovador: «Pode já inferir-se que esse fanatismo religioso a que se votara seu avô D. Terencio e os sustos de sua mãe foragida em uma villa do Alemtejo, entre extranhos, lhe transmittiram essa tendencia para a credulidade que veio a tornar-se exclusiva pelas decepções do amor»¹⁰. No seu *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes* (1855), a única informação genealógica que fornece Jose Maria da Costa e Silva é que fr. António «foi filho legitimo de Doutor Antonio Soares de Figueiroa, da principal nobreza d'aquella Villa, e de D. Helena de Zuniga, natural da Irlanda, porém de origem hespanhola, como bem o indica o seu appellido»¹¹. Igualmente, a crónica romanceada de Alberto Pimentel (1889), *Vida mundana de um frade virtuoso (perfil historico do seculo XVII)*, insiste na aparente contradição da nacionalidade da mãe — «posto que de origem castelhana, era natural da Irlanda»¹² — e relata a chegada dos Zúñigas a Portugal no contexto duma «guerra d'exterminio» na sua terra natal:

*As luctas entre os catholicos da Irlanda e os protestantes de Inglaterra acirraram-se sangrentamente no reinado de Carlos I: os irlandeses trucidaram doze mil protestantes. Cromwell tirou d'esse morticínio uma vingança terrivel; fez á Irlanda uma guerra d'exterminio. D. Terencio de Zuniga, pai de Helena, empenhado na guerra religiosa, quiz subtrair a filha á possibilidade de represalias deshumanas, e enviou-a para um paiz catholico, onde podesse viver com segurança e tranquillidade. Elle ficou. Helena de Zuniga veio para Portugal, e teve a felicidade de encontrar aqui a protecção da condessa da Vidigueira, D. Leonor Coutinho, que a casou com o doutor Antonio Soares de Figueiroa*¹³.

2. De facto, para conhecer melhor as origens familiares de António da Fonseca Soares o mais recomendável será acudir às fontes. No primeiro volume da *Historia da fundação do Real Convento e Seminario de Varatojo* (1799) do

veja-se ÁLVAREZ-CIFUENTES, Pedro – «Senhora de varonil talento». Las caballerías perdidas de Leonor Coutinho de Távora. In BLANCO, Emilio (ed.) – *Grandes y pequeños de la Literatura Medieval y Renacentista*. Salamanca: Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas, 2016, p. 141-153; ÁLVAREZ-CIFUENTES, Pedro – *Apuntes para una biografía de la condesa da Vidigueira*. In ROMANO MARTÍN, Yolanda; VELÁZQUEZ GARCÍA, Sara (eds.) – *Las inéditas: voces femeninas más allá del silencio*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2018, p. 339-352.

¹⁰ BRAGA, Teófilo – *Historia da Litteratura Portugueza III*. Ob. cit., p. 446.

¹¹ SILVA, Jose Maria da Costa e – *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*. Lisboa: Imprensa Silvana, 1855, vol. X, p. 6.

¹² PIMENTEL, Alberto – *Vida mundana de um frade virtuoso (perfil historico do seculo XVII)*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1889, p. 5.

¹³ PIMENTEL, Alberto – *Vida mundana de um frade virtuoso*. Ob. cit., p. 5-6.

cronista franciscano fr. Manuel de Maria Santíssima, por exemplo, só se recolhe o seguinte:

*Era Antonio tanto pela parte Paterna, como pela Materna descendente de familia ilustre. Seu Pai Antonio Soares Figueirôa da principal nobreza da Vidigueira, graduado pela Universidade de Coimbra, servio o Rei com satisfação no emprego das Varas, e morreo no actual serviço do mesmo Principe. Sua venturosa Mãe D. Helena Elvira, filha de D. Therencio, e de sua mulher D. Leonor Maine, era de esclarecida familia do Reino de Hibernia*¹⁴.

Mas quem era esta D. Helena Elvira? A *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado dá uma notícia semelhante: «filho do Doutor Antonio Soares de Figueiroa da principal nobreza daquella Villa, o qual servio con grande desinteresse varias Judicaturas, e de D. Helena de Zuniga natural do Reyno de Hibernia que fugindo à perseguição dos hereges buscou por asilo a este Reyno»¹⁵. No terceiro volume da *Historia Serafica Cronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal* (1705) de fr. Fernando da Soledade — continuador da crónica de fr. Manuel da Esperança, que escreveu as duas primeiras partes — lê-se:

*Forão seus pays Antonio Soares de Figueyroa, & sua molher D. Elvira de Zuniga, Hybernica, filha de hum D. Terencio, que havia derramado o sangue pela confissão da Fé, ambos nobres, & tementes a Deos, em cujo amor, & doutrina creavão a Antonio, pretendendo erigir nelle hum templo, em que assistisse a Graça, ou hum pasmo, em que se assombrasse a natureza*¹⁶.

Tanto fr. Manuel de Maria Santíssima como Barbosa Machado e fr. Fernando da Soledade parecem beber da biografia mais conhecida de fr. António, que é, sem receio de erro, a intitulada *Vida, virtudes, e morte com opinião de Santidade do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas*, publicada pelo jesuíta Manuel Godinho em 1687 com uma dedicatória ao rei D. Pedro II. Amigo e admirador

¹⁴ MARIA SANTÍSSIMA, fr. Manuel de — *Historia da Fundação do Real Convento, e Seminario de Varatojo, com a Compendiosa Noticia da Vida do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas; e de Alguns Varoens Illustres, Filhos do Mesmo Convento, e Seminario*. Porto: Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1799, vol. I, p. 324-325.

¹⁵ MACHADO, Diogo Barbosa — *Bibliotheca Lusitana Historia, Critica, e Cronologica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo de promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*. Lisboa Ocidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, vol. I, p. 238.

¹⁶ SOLEDADE, fr. Fernando da — *Historia Serafica Cronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal. Tomo III*. Lisboa: Officina de Manoel Joseph Lopes Ferreyra, 1705, p. 321.

do antigo capitão Bonina — cuja conversão perante um exemplar das obras de fr. Luís de Granada descreve dizendo que «entràra Leão a abrir o livro, ficou Cordeiro em o lendo»¹⁷ —, Manuel Godinho (ca. 1630-1712) seria também o responsável pela aparição póstuma das duas partes das *Cartas Espirituaes do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas* (1684 y 1687)¹⁸ e das *Obras Espirituaes do espiritual, & Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas* (1688)¹⁹.

No livro primeiro da *Vida, virtudes e morte de Fr. Antonio das Chagas*, após valorar positivamente o dia e a hora do nascimento do menino António da Fonseca Soares — «primeiro Deos criou a luz, que o Sol, & primeiro que o Sol sae a luz este Servo de Deos, que havia de alumiar mais almas com suas faiscas, que o Sol Orizontes com seus rayos»²⁰ —, Godinho peneja o seguinte retrato do pai, o doutor António Soares de Figueiroa, filho de Afonso Soares de Figueiroa e neto de Bartolomeu da Fonseca e Brites de Pina Homem, uma respeitável família de cristãos-velhos²¹. Depois de estudar na Universidade de Coimbra, António Soares de Figueiroa foi juiz em Vila Nova de Cerveira e corregedor em Leiria, falecendo prematuramente em 1649:

Teve por Pays a Antonio Soares de Figueiroa, da principal nobreza daquella Villa: mais nobre porèm pelo successor, que pela prosapia: pois Antonio não fazendo casa, fez conhecida a de seus Pays, illustrou a de seus Maiores, honrou a seus ascendentes, refundindo toda a estimação que se fez de sua virtude naquelles que lhe infundirão o sangue [...]. De Legista era a profissão de Antonio Soares: occupou com satisfação alguns lugares de Letras, & em breves annos o lugar mais certo da sepultura, que lhe dà o letreiro de

¹⁷ GODINHO, Manuel — *Vida, virtudes, e morte com opinião de Santidade do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas Missionario Apostolico neste Reyno, da Ordem de S. Francisco: Fundador do Seminario de Missionarios Apostolicos da mesma Ordem, sito em Varatojo*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1687, p. 14-15. Sobre a vida e as viagens do padre Manuel Godinho, ver CORREIA-AFONSO, John — *Intrepid Itinerant: Manuel Godinho and his journey from India to Portugal in 1663*. New York/Bombay: Oxford University Press, 1990.

¹⁸ CHAGAS, fr. António das — *Cartas Espirituaes do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, com suas notas*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1684; CHAGAS, fr. António das — *Cartas Espirituaes do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, Primeiro Missionario Apostolico Franciscano neste Reyno, e Fundador do Real Seminario de Varatojo. Segunda parte*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1687.

¹⁹ CHAGAS, fr. António das — *Primeira parte das Obras Espirituaes do espiritual, & Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas, Primeiro Missionario Apostolico Franciscano neste Reyno*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1688; CHAGAS, fr. António das — *Segunda parte das Obras Espirituaes do espiritual, & Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas, Primeiro Missionario Apostolico Franciscano neste Reyno, Fundador do Seminario de Varatojo*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1688.

²⁰ GODINHO, Manuel — *Vida, virtudes, e morte...* Ob. cit., p. 5.

²¹ Belchior Pontes noticia que «Afonso Soares de Figueiroa, avô paterno de António da Fonseca, nascido em Benzele, com herdada nobreza [...], por um “casual homicídio” foi obrigado a mudar casa e família para a Vidigueira», um passo que faz lembrar o crime em que se viu envolvido o neto por volta de 1650. PONTES, Maria de Lourdes Belchior — *Frei António das Chagas*. Ob. cit., p. 25.

*huma campa*²².

A parte mais interessante, porém, é a que Manuel Godinho dedica à mãe de fr. António, aia (ou afilhada) da condessa da Vidigueira, fornecendo mais dados sobre a sua família e a sua vinda a Portugal:

*Sua Mãe Dona Elena de Zuniga, natural do Reyno de Hybernia, a qual em braços da ama que a criava (morrendo sua mãe Dona Leonor Maune, como Rachel, por nos dar tal filha) fugio da perseguição dos Hereges, confessando a Fè Catholica, senão como os Innocentes morrendo, como Christo para Egypto, passando a este Reyno: em quanto Dom Therencio seu pay, para que a filha mamasse a verdadeira Fè no leite, ficava derramando pela Fè o sangue, & sacrificando a Deos a vida, por sy holocausto, Thymiamia pela filha. Acções tão heroica, que as ouve Deos de coroar no Ceo, por faltarem já as sinco Coroas, que em outras tantas cabeças suas contava antigamente huma só Hybernia, & hum só Hybernio Dom Therencio em sua Ascendencia. Momonia, Ultonia, Lagenia, Connachta, & Mithia, reduzidas hoje a Provincias, forão em outro tempo coroas soberanas. Nem de raiz menos nobre podia sahir garfo tão illustre*²³.

Nos primeiros anos do século XVII, o avô materno de fr. António das Chagas, o cavaleiro D. Terêncio de Zúñiga, descendente da linhagem real dos cinco reinos da Irlanda — «Momonia, Ultonia, Lagenia, Connachta, & Mithia», isto é, as cinco províncias de Munster, Ulster, Leinster, Connacht e Meath — teria fugido com a filha D. Helena da perseguição dos católicos na sua ilha natal, para estabelecer-se na península Ibérica, onde contaria com o apoio da «Misión de Irlanda» instaurada pelo rei D. Filipe III e dos clérigos dos colégios irlandeses de Santiago de Compostela, Valladolid, Salamanca, Sevilla ou Lisboa²⁴. O seu sacrificio pela fé católica serviria de «thymiamia» (ou incenso) da santidade dos seus descendentes²⁵. A despeito das informações de Pimentel e Braga, o puritano Oliver Cromwell não seria eleito membro do Parlamento inglês até 1628 — quando D. Helena de Zúñiga já levava duas décadas radicada em Portugal — e

²² GODINHO, Manuel – *Vida, virtudes, e morte...* Ob. cit., p. 5. A uma tia, cujo nome não conhecemos, escreveu fr. António a primeira carta publicada na segunda parte das *Cartas Espirituaes*. Ob. cit., vol. II, p. 1-3.

²³ GODINHO, Manuel – *Vida, virtudes, e morte...* Ob. cit., p. 6.

²⁴ O'CONNELL, Patricia – *The Early-Modern Irish College Network in Iberia, 1590-1800*. In O'CONNOR, Thomas (ed.) – *The Irish in Europe, 1589-1815*. Dublin: Four Courts Press, 2001, p. 49-64. Sobre o colégio irlandês de Lisboa, fundado pelo jesuíta John Howling em 1593, ver O'CONNELL, Patricia – *The Irish College in Lisboa, 1590-1834*. Dublin: Four Courts Press, 2001.

²⁵ Para Belchior Pontes, «Godinho sente-se na obrigação de enobrecer com as glórias do martírio a genealogia do seu biografiado». PONTES, Maria de Lourdes Belchior – *Frei António das Chagas*. Ob. cit., p. 21.

só exerceria o poder efetivo como Lorde Protetor a partir de 1653.

Continua a sua narração Godinho:

Aportou em Lisboa Elena com menos estrondo, & melhor agouro, que a outra em Troya; & como a Moyses exposto nas aguas do Nilo, não faltou Real Thermut, que a tirasse do Tejo: foi esta a Condeça da Vidigueira Dona Leonor Coutinho, levandoa para casa, & criandoa como filha; pondolhe tambem como a filha casa, tanto que chegou a idade de a casar com Antonio Soares de Figueiroa; encontrando esta resolução da Condeça a vontade que Elena tinha de ser Freyra, mas fazendo a de Deos, que assim o dispunha, para daquelle mixto de Portuguez & Hybernia, sabir com o mistico de sua Providencia: provendo por aquelle matrimonio, de Frades, & Freyras os Conventos, a Igreja de Justos, & virtuosos²⁶.

Segundo Flávio Josefo, a princesa Termut (ou Termutis) era a filha do faraó do Egito que encontrou o pequeno Moisés num cesto que flutuava nas águas do rio Nilo. Godinho assegura que a futura fama de fr. António viria anunciada por «hum Religioso da Provincia da Piedade, & de santa vida (credito de sua profecia), o qual disse a Dona Elena muito antes de casar, que este seria o estado que tomaria, para ser mãy de hum filho muito grande deste reino»²⁷. Apesar da relutância inicial de D. Helena de Zúñiga, vencida pela teimosia da condessa da Vidigueira, o consórcio com o doutor António Soares de Figueiroa parece ter sido um sucesso e traduziu-se num total de seis filhos: Maria Teresa de Zúñiga (a única que casou e deixou descendentes)²⁸, fr. António das Chagas, soror Leonor das Chagas e soror Brites do Lado (ambas dominicanas no Convento de Nossa Senhora da Assunção, em Moura)²⁹ e os gémeos Afonso (que viera

²⁶ GODINHO, Manuel – *Vida, virtudes, e morte...* Ob. cit., p. 6.

²⁷ GODINHO, Manuel – *Vida, virtudes, e morte...* Ob. cit., p. 6-7.

²⁸ Segundo Pimentel, «quasi toda a sua familia, irmãos, irmãs, sobrinhos foram, a seu exemplo, atraídos a vida monastica, com excepção de sua irmã D. Maria Thereza de Zuniga, que casou com Antonio Mendes de Carvalho, e teve geração». PIMENTEL, Alberto – *Vida mundana de um frade virtuoso*. Ob. cit., p. 125. A mesma informação aparece em CASTELO-BRANCO, José Canais – *Estudos biographicos ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes á Bibliotheca Nacional de Lisboa*. Lisboa: Editor F. A. da Silva, 1854, p. 225. Nas *Cartas Espirituaes*, fr. António faz alguma referência à familia da sua irmã D. Maria Teresa: «A meu Cunhado, Irmaõ, & Sobrinhos, minhas lembranças». CHAGAS, fr. António das – *Cartas Espirituaes*. Ob. cit, vol. I, p. 161.

²⁹ Fr. José da Natividade incluiu uma «Vida da Veneravel Madre Soror Leonor das Chagas» no tomo VII do *Agiologio Dominico* começado por fr. Manuel de Lima. Acerca dos pais de Soror Leonor das Chagas, morta em 1684, informa: «Teve por seus progenitores Antonio Soares de Figueiroa, e Dona Helena de Zuniga, pessoas de mui distincta nobreza, e que ambas juntavão ao esplendor do nascimento huma innata propensão á piedade Catholica». NATIVIDADE, fr. José da – *Agiologio Dominico. Consta das vidas dos Santos, Beatos, Martyres, e outras Pessoas Veneraveis da Ordem dos Prégadores, por todos os dias do anno*. Lisboa: Officina de Francisco da Silva, 1753, vol. VII, p. 226. Umas cartas manuscritas das irmãs de fr. António das Chagas conservam-se junto com a *Inquirição da Vida e Morte do Veneravel Padre Chagas*, apresentada ao arcebispo de Lisboa, Luís de Sousa, em 1683.

a ser franciscano como o seu irmão mais velho, com o nome fr. Francisco das Chagas, e faleceu em 1675) e fr. João Soares de Figueiroa e Zúñiga, prior-mor da Ordem de São Bento de Avis, morto em 1681. Como conclui o autor da *Vida, virtudes e morte de Fr. Antonio das Chagas*: «Tres filhos Religiosos, & duas filhas Freyras com sinco netas de Dona Elena sahirão de sua casa, todos, & todas de tão louvaveis procedimentos, que se lhes dà na Vidigueira o nome de geração de Santos; & por tal geração parece dizer S. Paulo, que se salvaria a mulher pela geração dos filhos»³⁰.

3. Para completar os dados biográficos do padre Godinho, pode-se consultar também a *Vida, e Morte do Varão Apostolico, e grande servo de Deos Fr. Antonio das Chagas* do cronista-mor fr. Rafael de Jesus da Ordem de São Bento (1614-1693), um manuscrito incompleto — apenas 34 fólios — conservado no Arquivo Distrital de Braga sob a cota «Ms. 801» e datado em 1683. No primeiro tratado deste opúsculo, dirigido à atenção do «Serenissimo Principe D. Pedro N. S. Reg.^{te} da Monarchia Lusitana»³¹, fr. Rafael de Jesus descreve o clima de intolerância religiosa que se vivia na Irlanda a inícios do século XVII:

*Quando heretica apostazia, com mais encontradas, e intumecidas ondas combatia os Reynos do Cetro Anglicano foy a Ilha de Irlanda fabricada pela Natureza, entre Espanha e Inglaterra, de menor ambito q. esta, a q. com mais firmeza rebateo os empolados mares da perfidia, e desatinada perseguição com q. os sectarios andavão a extinguir nella a pureza da Religião catholica. M.^{tas} vezes a encontrarão, e a afligirão as armas dos Protestantes, e todas as rebaterão os naturais armados da fê da rezão, e da fortaleza q. bebião na constancia do sangue q. os catholicos Romanos deramavão, feridos e mortos a mãos da barbara apostazia. Na paciencia dos martires costuma a tirania embravecer a ferocid.^e dos verdugos*³².

O beneditino traslada alguns documentos que demonstrariam de maneira fidedigna o nobre avoengo de fr. António das Chagas: «no sangue mais claro daq.^{le} Reyno se reconhecia a verd.^a fê mais alentada e pura»³³. No que diz do

³⁰ GODINHO, Manuel – *Vida, virtudes, e morte...* Ob. cit., p. 6-7.

³¹ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico, e grande servo de Deos Fr. Antonio das Chagas* (1683). Ms. 801 do Arquivo Distrital de Braga, f. 1v. Sobre fr. Rafael de Jesus, autor do *Castrioto Lusitano* (1679) e da sétima parte da *Monarquia Lusitana* (1683), veja-se FARIA, Francisco Leite de – *O beneditino vimaranense Frei Rafael de Jesus*. «Revista de Guimarães», 95 (1985), p. 118-146.

³² JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 3v.

³³ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 3v.

lado dos FONSECAS, fr. Rafael de Jesus recolhe um testemunho dos «quilates de seio sangue, derivado de Pais, avos, e vizavós, sem nota de infecção de sangue, nem sospeyta de infamia»³⁴, e faz uma lacónica alusão ao delito do avô paterno Afonso Soares de Figueiroa, na sua terra natal:

*Hum casual homicidio os constringe a deyxarem a Patria e nella em contingencia a fazenda, e a mudarem caza e familia p.^a a Vidigueyra. A sombra dos Senhores da Villa, e com o foro de familiares da Caza livrarão do crime, conservarão a fazenda, e defenderão a onra, tratando em todos os particulares a ley de sua nobreza*³⁵.

Noutro documento de 1644, o dominicano fr. Domingos do Rosário³⁶ certifica a fidalguia da mãe — «D. Elena de Suniga, alias em Irlandês Suyni, he fidalga de todos os quatro costados descendida de cazas mais illustres e insignes no valor como o forão seos Avos os MacSunys tão valerosos q. todos os dessa linhage tinham até hoje em dia por proficção as armas contra os Inimigos da fé catholica, pola q.¹ cauza lhes confiscarão todos seos bens, e suas pessoas forão desterradas»³⁷ da Irlanda — e declara categórico que «na geração de D. Elena não ouve nem hã mancha de erezia em todos os quatro costados»³⁸.

O nome «Zuniga / Sun(h)iga» seria uma versão ibérica do apelido «Mac Suiny», adaptação do gaélico Mac Suibhne [em inglês, MacSweeney], um epíteto que originalmente significaria «belo» ou «bem-disposto». Fr. Rafael de Jesus explica que «dos antigos Principes [da Irlanda] se derivava a Prosapia de D. Therencio de Suny e D. Leonor Mahuny, apelidos illustres das cazas Macarty Mor e de Obrien, Pronomes q. o nosso Portuguez converte em Çunhiga e Mendonça, como nós o pronunciaremos, incertos a q.¹ das nações se deve a origem da dirivação»³⁹. Continua a *Vida, e Morte do Varão Apostolico*:

Em huma das Povoações de Irlanda vivia D. Therencio de Çunhiga cazado com D. Leonor de Mendonça, lutando a braço partido com o furor

³⁴ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 5v.

³⁵ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 5v.

³⁶ Fr. Domingos do Rosário [Daniel Dominic O'Daly] (1595-1662), um dos principais conselheiros da rainha regente D. Luísa de Gusmão e promotor do Colégio (ou Hospício) do Corpo Santo e do Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso em Lisboa, também era irlandês de nascimento. Sobre as missões diplomáticas de fr. Domingos do Rosário, ver PRESTAGE, Edgar – *Frei Domingos do Rosário: diplomata e político (1595-1662)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.

³⁷ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 3v.

³⁸ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 4r.

³⁹ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico*. Ob. cit., f. 3v. Assim, Canais Castelo-Branco regista a mãe de fr. António como «D. Helena de Mendonça e Zuniga». CASTELO-BRANCO, José Barbosa Canais de Figueiredo – *Estudos biographicos*. Ob. cit., p. 225.

dos Apostatas, tanto mais contumazes q.^{tas} mais vezes vencidos e desprezadas suas persuasões. Não foy esteril o matrimonio, ainda q. lamentavel o parto. Do pr.^o, q. foy tãobem o ultimo porq. morreo delle D. Leonor, receberão por unico fruto a D. Elena, do Pay foy a imposição do nome, do Ceo a diressão, q. tudo obra com misterio e nada acazo⁴⁰.

A partir das suas pesquisas, fr. Rafael de Jesus calcula aproximadamente a data de nascimento de D. Helena de Zúñiga (entre 1600 e 1606) e da sua chegada a Portugal em companhia de duas primas, sob a proteção das freiras do Mosteiro de Santa Brígida, ou Inglesinhas⁴¹:

Entendo que pella ordem dos sucessos, e pela confrontação dos t.^{pos} q. nasceo D. Elena pelos annos 1600 athe 1606, porq. em 7 de Mayo de 1608 tinhão já tomado Porto na cid.^e de Lx.^a as Religiozas de S. Brizida, não se dando por seguras da perciguição Anglicana em nenhuma p.^{te} do Norte. D. Therencio de Çunhiga q. sem espoza (destituído de todos os bens da fortuna e com huma f.^a unica no mais tenrro da id.^e, exposta a beber como pr.^o leyte os abominaveis erros de Lutero, e Calvino) e rezoluto em dar a vida pela fê e pela defença da familia se fosse não menos receozo dos perigos do Mar, q. do contagio heretico, por salvar sua f.^a do veneno e do odio, ainda nos braços da Ama, a embarcou com outras meninas f.^{as} de catholicos Romanos, q. pela mesma cauza se remetião aos portos de Espanha, e p.^{ar}m.^{te} ao de Lx.^a como a seguro couto da fê catholica. Acompanhavão a D. Elena duas meninas parentas suas, igoais na sorte, dezigoais nos annos, e semelhantes na d.^a de conseguirem o fim dezejado⁴².

Fr. Rafael de Jesus descreve a chegada dos refugiados irlandeses às costas portuguesas e a curiosidade e compaixão que despertaram na nobreza lisboeta: «Virão todos o tenrro, e esmorecido rebanho q. sem pastor fugia dos lobos; e não ouve algum que com o coração não oferecesse os braços a Creação, e agazalho de infantes, e adultos, sendo tão copioza a multidão de nobreza e povo q. ali ajuntou a voz da compayxão, q. sobejou com excesso a mizericordia a

⁴⁰ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 4r.

⁴¹ No Mosteiro das Inglesinhas entraria, na mesma altura, Brígida de Santo António (no século, D. Leonor de Mendanha, 1576-1655), futura abadessa e fundadora do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila. Ver RANGEL, Leonardo Coutinho de Carvalho – *Livre dentro dos muros: o caso de Madre Brígida de Santo António (1576-1655)*. «Via Spiritus», 18 (2011), p. 55-89 e SILVA, Hélia Cristina Tirano Tomás; LOURENÇO, Tiago Borges Lourenço – *Freiras longe da pátria. O «convento das inglesinhas», dinâmicas de uma antiga casa religiosa estrangeira em Lisboa*. «Cadernos do Arquivo Municipal», 3 (2015), p. 39-77.

⁴² JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 4r.

nececide»⁴³. Estabeleceu-se uma relação entre o apelido irlandês de D. Helena de Zúñiga e o de Baltasar de Zúñiga y Velasco (1561-1622) — influente ministro na corte espanhola e tio e mentor de Gaspar de Guzmán y Pimentel (1587-1645), o futuro conde-duque de Olivares —, um facto que, segundo o monge beneditino, poderia ter atraído a atenção do benfeitor Rui Lourenço de Távora (1556-1616), 6.º senhor do morgado da Caparica e procurador da Misericórdia de Lisboa, em cuja casa D. Helena ganharia o amor e amizade da filha D. Leonor Coutinho:

*A docilid.^e e applicassão com q. D. Elena tomava a ql.^{er} preceyto, q. na menenice recebe a memoria a fizerão tão agradável aos olhos de todos q. era a menina dos de toda a famillia e com o mimo todo dos senhores della. Como tal a não sabia apartar de sy D. Leonor Coutinho (benemerito emprego de todo o amor de seo Pay Ruy Lourenso de Tavora, tanto q. em seo mesmo leyto a agazalhava, q. só em seo regaço adormecia) restituindolhe o t.^{po} com illustre avanço os carinhosos brassos que o destino, e a falta da vida lhe roubarão no desterro e na morte de seo Pay, e May*⁴⁴.

D. Leonor Coutinho casou com D. Francisco da Gama, 4.º conde da Vidigueira e duas vezes vice-rei da Índia: «Passou de Caparica p.^a Lx.^a D. Leonor obrigada a deyxar a paternal comp.^a pela socied.^e conjugal e p.^a levar consigo todo o adorno e uzo de Snr.^a. Levou a D. Elena de Çuniga como Aya, e como joya de sua mayor estimação»⁴⁵. A crónica de fr. Rafael de Jesus acrescenta outros detalhes inéditos sobre a biografia da mãe de fr. António das Chagas, como, por exemplo, uma primeira tentativa de casamento com um favorito do conde da Vidigueira, chamado Francisco Correia de Araújo — «nascido na Provincia de Entre Douro, e Minho e criado em sua caza com nobreza tão conhecida como a de seos Apelidos, e seos procedim.^{tos}, merecedor por hum e outro resp.^{to} da gr.^{de} estimação e confiança, com q. o tratava o Conde, e do fervorozo dez.^o com q. pretendia subillo ao cumolo da fortuna»⁴⁶ —. No entanto, o noivo morreria prematuramente na Índia em 1625, ficando a irlandesa «veuva antes de cazada, e pretendeo Ant.^o Soares [de Figueiroa] recebella por Espoza»⁴⁷. Outros capítulos da *Vida, e Morte do Varão Apostolico*, cujo texto lamentavelmente

⁴³ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico*... Ob. cit., f. 4r.

⁴⁴ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico*... Ob. cit., f. 4v. Sobre os Távoras, veja-se TÁVORA, Álvaro Pires de – *Historia de varoens illustres do appellido Távora continuada em os Senhores da Caza e Morgado de Caparica*. Paris: Sebastiam & Gabriel Cramoisy, 1648.

⁴⁵ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico*... Ob. cit., f. 4v.

⁴⁶ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico*... Ob. cit., f. 5r.

⁴⁷ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico*... Ob. cit., f. 5v.

não se conserva, descreveriam o nascimento dos cinco filhos de D. Helena de Zúñiga — a quem «sendo donzella lhe batecina hum religioso q. avia de ser May de hum gr.^{de} filho» — e também como a mãe reprenderia «as trabeçuras de seo f.^o Ant.^o de Afoncequa»⁴⁸.

Belchior Pontes sintetiza a crónica de fr. Rafael de Jesus dizendo que «D. Helena de Zúñiga chegou a Portugal em 1608. Com ela vieram muitas famílias irlandesas, que se refugiavam em Espanha e em Portugal. As crianças cresceram e foram portuguesas pelo coração e pelos costumes, embora o não fossem pelo sangue» e coloca uma série de interrogações sobre a sua progénie e as suas relações familiares, às quais nem sempre é fácil responder: «Seria acaso parente de D. Helena o irlandês Dionísio Zúñiga que D. João IV nomeou capitão a 9 de Agosto de 1645?»; «homens como D. Maurício Mac Suiny do Conselho de Guerra do Rei, e tantos outros, que influência exerceram entre nós?»⁴⁹. A julgar pela documentação, o coronel D. Mauricio Suyne [Maurice MacSweeney], presumível parente de D. Helena de Zúñiga, fora uma figura de considerável relevância durante a Guerra da Restauração.

4. Existe a possibilidade de identificar D. Terêncio de Zúñiga, avô materno de fr. António das Chagas, como sendo o capitão Terencio Suyni / Terence MacSweeney [Tordhealbach Mac Suibhne?]. O historiador Mesa Gallego descreve-o como «un perfecto ejemplo de la movilidad de la que disfrutó el contingente irlandés dentro de las fuerzas armadas y de cómo habría sido asimilado por la sociedad española»⁵⁰, um facto que poderia explicar a suposta origem castelhana que lhe atribuem algumas fontes. Segundo Mesa Gallego, Terence MacSweeney — «captain for seven years, twenty-seven as soldier, sergeant, *alférez* and *ayudante*»⁵¹ — seria filho de Maurice MacSweeney [Mhuiris Mac Suibhne?] e Margaret O’Keeffe [Mairead Ui Caoimh?], uma família envolvida na rebelião do 2.^o conde de Tyrone (1594-1603) que teria deixado a Irlanda na sequência da *Flight of the Earls*, talvez no acompanhamento

⁴⁸ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 29v.

⁴⁹ PONTES, Maria de Lourdes Belchior – *Frei António das Chagas*. Ob. cit., p. 23. Na base de dados «Misión de Irlanda – Siglos XVI-XVIII», dirigida pelo professor Enrique García Hernán, encontramos várias referências a personagens com os apelidos Suine / Suni / Suyne / Suyni (= MacSweeney) e Maune / Mahuna / Mahon (= MacMahon), que moravam na península Ibérica na primeira metade do século XVII. Disponível em < <http://www.irishinspain.es/bdmisionirlanda.php> >. [Consulta realizada em 27/06/2020].

⁵⁰ MESA GALLEGO, Eduardo de – *Soldados de «naciones» para la Armada del Mar Océano: las compañías irlandesas de los Tercios embarcados, 1603-1639*. «Obradoiro de Historia Moderna», 24 (2015), p. 281. Veja-se, a propósito, WALSH, Micheline Kerney – *Spanish Knights of Irish Origin: Documents from Continental Archives*. Dublin: Stationery Office for the Irish Manuscripts Commission, 4 vols., 1960-1978.

⁵¹ MESA GALLEGO, Eduardo de – *Glimpses of Irishmen in Spanish armies, 1621-1644*. «The Irish Sword. The Journal of the Military History Society of Ireland», XXIX-117 (2013), p. 297.

do exiliado Donal Cam O'Sullivan Beare, 1.º conde de Beare (1561-1618)⁵². Num documento incluído na *Vida, e Morte do Varão Apostolico* afirma-se o seguinte sobre o pai de D. Helena de Zúñiga: «D. Terencio depois das ultimas guerras veyo desterrado a estas p.^{tes} de Espanha e Flandes aonde mostrou o valor de seos antepassados, contra os rebeldes»⁵³. Comparando-o a figuras do Antigo Testamento como o patriarca Abraão e Moisés, fr. Rafael de Jesus escreve ainda que

*coa sosp.^{ta} da cautella se abrazou o herege em ira; e largando as vellas a toda su[a] colera asaltou a caza de D. Therencio, q. a todo o risco rebateo a furia, emquanto sua familia, coberta com as sombras da noute, salvou a honra e a vida, com esta duvidoza, e aq.^{ta} duplicada, o prenderão os hereges e o desterrarão p.^a fora do Dominio Ingrez. Militou em Flandes, aonde acabou com a glorioza openião, do q. padeção e do q. servio. Tanto de antemão tira Deos as linhas, e lavra as pedras, com q. determina fabricar os edeficios de seo agrado. A Abrahão desterrou da Patria; a Moyzes subordinou as agoas porq. hum avia de ser origem, outro restaurador de hum Povo escolhido*⁵⁴.

Entretanto, a menina D. Helena teria sido confiada à proteção de Rui Lourenço de Távora e D. Leonor Coutinho, mulher do 4.º conde da Vidigueira e mãe do 1.º marquês de Nisa, e conduzida às searas do Alentejo, tão longe da ilha dos seus avós. De acordo com fr. Rafael de Jesus, Manuel Godinho e fr. Manuel de Maria Santíssima, a mulher de Terence MacSweeney — morta, como a bíblica Raquel, no parto da filha — fora a dama irlandesa D. Leonor de Mendonça / Leonor Maune / Eleanor MacMahon (ou MacMahoney), do

⁵² WALSH, Micheline Kerney – *O Sullivan Beare in Spain: Some unpublished documents*. «Archivum Hibernicum», 45 (1990), p. 46-63. Acerca de um Terence MacSweeney (que poderia ser o pai de D. Helena de Zúñiga, ou talvez um homónimo seu, com uma carreira semelhante) informa Mesa Gallego: «Terence comenzó a servir en 1617 en la compañía de Íñigo Mendoza, del Tercio de Juan de Córdoba, desplegado en Lombardia. En diciembre de 1620 fue nombrado capitán de una compañía de borgoñones. Al año siguiente se trasladó a España, donde fue recompensado con un entretenimiento de cuarenta escudos — una cifra nada desdeñable — para servir en el Tercio del conde de Tyrone en Flandes; sorprendentemente rechazó la merced aduciendo que desconocía la lengua gaélica ya que había sido educado como español, y el entretenimiento se le trasladó a la Armada. En 1625 sirvió en la campaña de San Salvador de Bahía, donde fue herido al mandar un destacamento de cuarenta mosqueteros durante los combates. A su vuelta a la península participó en la defensa de Cádiz contra el ataque angloholandés, y como recompensa se le concedió un hábito de la Orden de Calatrava». MESA GALLEGO, Eduardo de – *Soldados de «naciones» para la Armada del Mar Océano*. Ob. cit., p. 281. Sobre a «aculturação» dos exilados irlandeses em Espanha, ver O'SCEA, Ciaran – *En busca de papeles: la transformación de la cultura oral de los inmigrantes irlandeses desde La Coruña hasta la Corte*. In GARCÍA HERNÁN, Enrique et alii (eds.) – *Irlanda y la monarquía hispánica*. Ob. cit., p. 359-380 e O'SCEA, Ciaran – *From Munster to La Coruña across the Celtic Sea: Emigration, Assimilation and Acculturation in the Kingdom of Galicia (1601-40)*. «Obradoiro de Historia Moderna», 19 (2010), p. 9-38.

⁵³ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 3v.

⁵⁴ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 4r.

clá Mac Mathghamhain, senhores de Corcu-Baiscind no Munster⁵⁵. Aliás, na declaração do coronel Maurice MacSweeney, transcrita por fr. Rafael de Jesus, informa-se o seguinte:

O Coronel D. Mauricio Macsuiny do Cons.^o de Guerra de Sua Mg.^{de} q. Deos g.^{de} certifico q. D. Elena de Sunhiga, q. em Irlandês q.^r dizer Suni, filha de D. Therencio Macsuny e de D. Leonor Mahum; por p.^{te} de Pay e de May descende<m> das illustrissimas Cazas Macsuinys, por p.^{te} de seo Pay; e dos Mahunys por p.^{te} da May, os q.^{es} Macsuinys descendem os prim.^{tos} de Imet q. foy Rey em Irlanda, e os Mahunys da Caza de Macarty mor e de Obriem, q. tambem destas reais cazas forão reis de Irlanda, e pelas mudanças dos tempos ouve tanta destruição nestas reais cazas por defenderem a nossa S. Fê catholica⁵⁶.

Como vemos, o depoimento, datado de 1644, insiste na ilustríssima parentela de D. Helena de Zúñiga. A família Mac Suibhne / MacSweeney — «mixed Scots-Norse or Gall-Gaedheal descent (being a mixture of Irish settlers in Scotland and Scandinavian colonists in the Isles)»⁵⁷ — teria a sua origem numa elite de mercenários procedentes da Escócia que chegaram à Irlanda entre os séculos XIII e XIV e se aparentaram com a estirpe dos Ua Domnaill, senhores de Tír Conaill [Tyrconnell] no Ulster. Os compiladores do *Leabhar Chlainne Suibhne* deram ao clá Mac Suibhne «an elaborate descent from Anradán son of Áed Athloman Ua Néill (d. 1033), who reputedly left Ulster and settled in Scotland»⁵⁸. Esta genealogia, talvez inventada pelos cronistas medievais, relacionaria os MacSweeneys com a dinastia dos Ua Néill, isto é, a progénie do mítico Niall Noígíallach («Niall dos Nove Reféns»), *ard-rí* ou «rei supremo» da Irlanda no século V⁵⁹. Pelo nome «Imet», o documento de 1644 parece referir-se a Áed Méith Ua Néill (ca. 1196-1230), chamado Áed o Gordo, rei de Tír Eoghain [Tyrone] no Ulster, rebento da poderosa família dos Ua Néill e suposto antepassado do clá Mac Suibhne⁶⁰. «Macarty mor» aludiria ao clá Mac

⁵⁵ DUFFY, Seán (ed.) — *Medieval Ireland*. Ob. cit., p. 299.

⁵⁶ JESUS, fr. Rafael de — *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 3v.

⁵⁷ DUFFY, Seán (ed.) — *Medieval Ireland. An Encyclopedia*. New York/London: Routledge, 2005, p. 306.

⁵⁸ DUFFY, Seán (ed.) — *Medieval Ireland*. Ob. cit., p. 306.

⁵⁹ WALSH, Paul (ed.) — *Leabhar Chlainne Suibhne, an account of the MacSweeney families in Ireland, with pedigrees*. Dublin: Dollard Printinghouse, 1922. Mais do que uma realidade política, o *ard-rí* ou «rei supremo» era um título de caráter cerimonial, enraizado na tradição lendária da Irlanda. Um dos filhos de Niall Noígíallach seria Lóegaire, o príncipe convertido ao cristianismo por São Patrício, e entre os seus descendentes contar-se-iam São Columba de Iona, São Máel Ruba e os reis de Ailech, Tír Eogain e Tír Conaill. Ver BYRNE, Francis John — *Irish Kings and High-Kings*. Dublin: Four Courts Press, 2001, p. 70-86.

⁶⁰ DUFFY, Seán (ed.) — *Medieval Ireland*. Ob. cit., p. 478-479.

Cárthaigh Mór [MacCarthy Mor], ao qual pertenceriam os MacMahon, ligado à dinastia dos Ua Briain, descendentes do *ard-ri* Brian Boru (ca. 926-1014) — «the first true high king of the island and a heroic fighter for Ireland's freedom against the oppression of the heathen Vikings»⁶¹ — através dos príncipes de Thomond e Desmond, no Munster⁶².

Se bem que grande parte destas genealogias possa ser fruto da mistificação dos linhagistas, a declaração do coronel Maurice MacSweeney dá ideia da importância da filiação dinástica e da consciência de clã na mentalidade dos irlandeses exiliados na península Ibérica no século XVII.

5. António da Fonseca Soares seria, em conclusão, filho de um membro da «nobreza da toga» portuguesa, cristão-velho e protegido da família dos Gamas, condes da Vidigueira e marqueses de Nisa, e duma expatriada de origem irlandesa, filha de um capitão dos terços da Flandres ao serviço do rei espanhol. Alegadamente, pelas veias de D. Helena Elvira de Zúñiga correria o sangue dos reis sagrados da Hibernia, tanto pela parte do pai, Terence MacSweeney, como da mãe, Eleanor MacMahon, «apelidos ilustres das cazas Macarty Mor e de Obrien»⁶³. Adverte, porém, o padre Manuel Godinho: «Enculco esta nobreza de Fr. Antonio pela parte materna, não porque cuide he cousa grande o tella, senão por saber que desprezala he grande cousa»⁶⁴.

Assim, apesar desta nobre prosápia, fr. António parece ter-se vangloriado pouco dos seus laços familiares com as cinco coroas soberanas da Irlanda. Confirma Belchior Pontes que «por escrito nunca o fez», salientando que na *Inquirição da Vida e Morte do Venerável Padre Chagas*, compilada por ordem do rei D. Pedro II em 1683, é descrito simplesmente como pertencente «à gente principal da vila da Vidigueira»⁶⁵. Criado sob a luz do Alentejo, talvez lhe ficassem poucas saudades da ilha que o capitão sevilhano Andrés López de Valencia descrevia numa carta de 1596 como «tierra tan llobiosa y fria que entrado octubre no tiene dia por ser tan debajo del Norte»⁶⁶. No entanto, a

⁶¹ DUFFY, Seán (ed.) – *Medieval Ireland*. Ob. cit., p. 45. Sobre a última batalha do rei Brian Boru, veja-se DUFFY, Seán – *Brian Boru and the Battle of Clontarf*. Dublin: Gill & Macmillan, 2013.

⁶² DUFFY, Seán (ed.) – *Medieval Ireland*. Ob. cit., p. 289-290.

⁶³ JESUS, fr. Rafael de – *Vida, e Morte do Varão Apostolico...* Ob. cit., f. 3v.

⁶⁴ GODINHO, Manuel – *Vida, virtudes, e morte...* Ob. cit., p. 6.

⁶⁵ «António da Fonseca nunca alardeou prosápias de pergaminhos e frei António das Chagas amortalhou no hábito a sua nobreza». PONTES, Maria de Lourdes Belchior – *Frei António das Chagas*. Ob. cit., p. 22.

⁶⁶ Apud RECIO MORALES, Óscar – «De nación irlandés: Percepciones socio-culturales y respuestas políticas sobre Irlanda y la comunidad irlandesa en la España del XVII». In GARCÍA HERNÁN, Enrique et alii (eds.) – *Irlanda y la monarquía hispánica*. Ob. cit., p. 319. Acerca do imagotipo irlandês na Espanha do século XVII, veja-se BUR-GUILLO, Javier – *Las descripciones de Hibernia en los colegios del exilio irlandés en Castilla: corografías literarias, colecciones de prodigios e imaginario político*. «Studia Aurea», 13 (2019), p. 227-260.

história dos seus ancestrais irlandeses servir-lhe-ia como modelo de sacrifício e renúncia pela fé católica, chegando à conclusão de que «os bens deste mundo falso, & enganoso, dita he nam chegállos a possuir, mais que para os desprezar» (carta XCII)⁶⁷.

Sempre barroco e contraditório, fr. António das Chagas passou de «espadachim e soldado, verzejador, namorador impenitente e ousado» a «franciscano, missionário apostólico, ardente e apaixonado, director de almas desejosas de vida austera»⁶⁸. O que resulta inegável é que aquele improvável «mixto de Portuguez & Hybernia» acabaria por transformar-se numa das figuras incontornáveis da literatura portuguesa de Seiscentos.

Artigo recebido em 30/08/2020

Artigo aceite para publicação em 27/11/2020

⁶⁷ CHAGAS, fr. António das – *Cartas Espirituaes*. Ob. cit, vol. I, p. 222.

⁶⁸ PONTES, Maria de Lourdes Belchior – *Frei António das Chagas*. Ob. cit., p. XVI.